

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

BÁRBARA SOUZA CONCEIÇÃO

AS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA LEITURA

São Gonçalo

2013

BÁRBARA SOUZA CONCEIÇÃO

AS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA LEITURA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia: Licenciatura Plena, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo

2013

BÁRBARA SOUZA CONCEIÇÃO

AS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA LEITURA

Aprovada em _____

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Helena Amaral da Fontoura (orientadora)

Departamento de Educação da FFP/UERJ

Profª. Gianine Maria de Souza Pierro

Departamento de Educação da FFP/UERJ

Aos meus pais, Patricia e Osmar, ao meu irmão Gabriel e ao meu noivo Thiago, pela compreensão e pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho é fruto de estudo, pesquisa, troca e força! Para alcançar o objetivo desse caminho, muitos estiveram presentes em todo o processo.

Agradeço primeiramente a Deus, que me capacitou e me deu saúde e forças para concluir este trabalho.

Agradeço também à minha família pela educação e formação que recebi, ao meu pilar: mãe, o meu maior exemplo de dedicação ao magistério, ao meu noivo Thiago Coutinho pela paciência, incentivo e apoio dados durante esses anos de muita luta e estudo.

À amiga Natanna Eduarda dos Reis por todo o apoio, amizade e pelo constante incentivo.

A minha querida professora Helena Amaral da Fontoura, pelo carinho, a paciência e a dedicação á orientação neste trabalho.

E a todos aqueles que acreditam e aceitam permitir ao leitor o desafio do “ato da leitura” como processo no sentido de construir conhecimento/vida, num mundo de relações em que a criticidade, criatividade, humildade e determinação, sejam frutos desta apaixonante arte.

RESUMO

Este estudo aborda a importância do uso das fábulas como recurso didático para a formação de valores dentro e fora da escola, o entretenimento e o desenvolvimento da criança. Buscando melhorar o processo de ensino e aprendizagem, usamos a leitura desse gênero textual como uma metodologia alternativa. Podemos dizer que a moral contida nas fábulas tem uma mensagem divertida, animada e crítica da sociedade, onde o educador pode desenvolver o senso crítico do aluno, com a proposta de fazê-lo pensar, refletir sobre o que foi transmitido na mensagem. O trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira podemos analisar o processo histórico das fábulas, como surgiram, quem foram os principais escritores, como surgiu no Brasil, dando destaque a Monteiro Lobato. A segunda trata da importância do processo de ensino e aprendizagem da leitura. A terceira deteve-se na relação de Monteiro Lobato com as fábulas e suas críticas. A quarta aborda a importância do professor na elaboração de projetos sobre fábulas para o desenvolvimento da leitura. Tenho como base em minha pesquisa autores como Paulo Freire, Monteiro Lobato, Jean de La Fontaine, Eni Pulcinelli Orlandi dentre outros. Essa pesquisa pretende contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da leitura através das Fábulas, acreditando que esse gênero literário pode ir além de estimular a atenção, a observação, a memória, a reflexão do aluno. As Fábulas desenvolvem o senso crítico do leitor, aguça a criatividade e a formulação de ideias próprias. A criança tem a possibilidade de conhecer grandes autores da literatura, como Monteiro Lobato e nos ensinam valores importantes que permitem a vida em sociedade.

Palavras - chave: fábulas; leitura; ensino e aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.FÁBULAS	10
2. A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA	16
3. A RELAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO COM AS FÁBULAS E SUAS CRÍTICAS	21
3.1. A LITERATURA DE LOBATO	21
4. A RELAÇÃO DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA ATRAVÉS DAS FÁBULAS	27
4.1 OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS	28
4.2 A VIVÊNCIA DO PROJETO	31
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

Introdução

A partir da formação pedagógica constatou-se a importância da leitura para a construção de uma visão mais madura e crítica da realidade. O uso do gênero textual Fábulas, pouco é empregado em sala de aula com o objetivo de desenvolver o senso crítico do aluno. De estimular à liberdade de pensamento.

Busca-se nessa monografia analisar o valor pedagógico, lúdico e didático das fábulas e sua utilização para desenvolver valores fundamentais à vida em sociedade nas crianças das séries iniciais do ensino fundamental.

Despertar o interesse do educando para o aprendizado, a leitura é um desafio enfrentado pelo professor. As fábulas propiciam esse interesse. Ao mesmo tempo em que distraem o leitor, apresentam as virtudes e os defeitos humanos através de animais, construindo duas finalidades: instruir e divertir. A Fábula é um recurso de entretenimento capaz de trabalhar valores que formem cidadãos conscientes, ativos, produtivos que atuem em uma sociedade moderna.

Para isso, pretende-se apresentar a importância que as Fábulas têm no desenvolvimento da leitura, no processo de ensino aprendizagem e como o educador pode explorar o senso crítico do aluno, com esse gênero literário.

Ouvir ou ler histórias é uma possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem e atravessam ao longo da vida. Assim, é através de uma atividade prazerosa de leitura ou ouvir histórias, que se pode descobrir outro lugar, outros tempos, outros modos de agir, de pensar e ser. (ABRAMOVICH, 1991, p.162)

Para que este estudo se desenvolva de forma satisfatória, é preciso que sejam abordados alguns esclarecimentos sobre Fábulas, e seus principais autores. Onde darei destaque à produção de Monteiro Lobato em sua obra, Fábulas, de 1922.

José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, foi um dos mais influentes escritores da literatura brasileira do século XX. Lobato ficou popularmente conhecido, pois foi um importante editor de livros inéditos, autor de importantes traduções e pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade de sua produção literária. Entre elas destacam-se

as Fábulas, publicadas em 1922, que conta com diversas histórias de Esopo (620—560 a.C.) um escravo e contador de histórias que viveu na Grécia Antiga e Jean de La Fontaine (1621—1695). Poeta e fabulista francês, Lobato as reescrevem, comenta e até critica, através de seus personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo.

A obra de Monteiro Lobato é de extrema importância para a formação das crianças uma vez que trás um rico ensinamento educativo, além de desenvolver o senso crítico dos mesmos. O livro Fábulas, que foi publicado pela Editora Brasilense em 1922, foi relançado recentemente em 2008 pela Editora Globo, com readaptação de Alcy Linares.

Considerando-se que neste trabalho o objetivo maior é estudar a reescritura das fábulas por Monteiro Lobato, é interessante que reservemos, agora, um espaço para a abordagem da fábula.

1. Fábulas

A Fábula vem do latim *fari* que significa falar e do grego *phaó* que é o mesmo de dizer, contar algo. É uma das formas literárias mais antigas da humanidade, onde sua origem não pode ser determinada. Trata-se de uma narrativa curta criada com o fim de transmitir preceitos morais, onde os personagens que vivenciam a situação são, tradicionalmente, animais, forças da natureza ou objetos, que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes. Edviges Vilela em seu artigo “Fábulas de Millôr Fernandes. O desmantelamento de uma ideologia.” nos esclarece que esse gênero textual espelha a moralidade social da época onde o modelo de comportamento maniqueísta, onde o “certo” deve ser copiado e o “errado”, evitado era de extrema importância. A moralidade era tanta que na Idade Média as lições finais das Fábulas eram escritas para destacar com letras vermelhas ou douradas.

A estrutura básica desse gênero é: a *moral*, que aparece no final do texto e diz um provérbio, um ditado popular; a e *história curta*, onde há somente um conflito; o *diálogo*, a pouca descrição, mas bastantes diálogos; e os *personagens* que exaltam o comportamento humano.

O uso da natureza e animais para a alegorização se deve ao convívio afetivo entre homens e animais naquela época com o objetivo de torná-los principais agentes do comportamento do homem e ocorrer uma aproximação do público as “moralidades”

Devemos, então, admitir que as fábulas eram histórias já correntes naquela época e que a tendência de aproximar o caráter e as ações humanas do comportamento animal garantia a existência de um sistema de caracteres animais, cada um investido de certa qualidade ou defeito humano: a raposa ardilosa, o cão fiel, o burro tolo, etc. Essa tendência dificilmente poderia ser relacionada apenas a um determinado povo. (VARGAS, 1990, p.34)

Segundo alguns pesquisadores, como Vargas expressar-se por meio de fábulas seria uma prática comum entre povos primitivos e continua sendo recorrente nos dias de hoje. É comum usar-se, por exemplo, na imprensa falada e escrita, a imagem de animais

para caracterizar pessoas. De qualquer forma, seja a fábula de origem suméria, grega ou indiana, a permanência desse gênero até os dias atuais e a sua repetição entre povos diferentes contribuem para a afirmação de sua universalidade.

Apesar de não se saber sua origem, acredita-se que as Fábulas tenham nascido no século XVIII a. C., na Índia, na Mesopotâmia ou na Suméria. Há registros de fábulas egípcias e hindus, mas é atribuída a Grécia Antiga a criação efetiva desse gênero narrativo (KUPSTAS, 1999). A fábula grega é, na verdade, a principal referência entre os mais renomados fabulistas ocidentais, como Bábrio, Fedro e La Fontaine e o considerado pai das fábulas gregas, Esopo.

Esopo (Séc. VI a.C) é, sem dúvida, uma das principais referências entre os fabulistas ocidentais. Esopo, apesar de não ser grego, foi o principal responsável pela popularização das fábulas na Grécia.

Muitas são as dúvidas, críticas sobre a sua existência. La Fontaine, na reescrita da bibliografia do mesmo trás a informação que Esopo foi um escravo que passou por vários senhores, vendido ao filósofo grego Xanto, morador de Samos e que diante de muita insistência e da sabedoria de seu escravo o liberta. Após receber a liberdade, Esopo viaja por Creso, Babilônia e Egito onde através de sua sabedoria e esperteza fizeram com que ele fosse tivesse fama e respeito. Sua morte se sucedeu quando os délficos foram contra ele e os condenaram a morte. Esopo sendo real ou lendário o que importa hoje é o seu legado, a herança que dele recebemos.

Esopo começou a escrever as fábulas por meio dos diálogos entre os bichos e das situações que os envolviam a sociedade, ele procurava transmitir sabedoria de caráter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para os seres humanos. Cada animal simboliza algum aspecto ou qualidade do homem como, por exemplo, o leão representa a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho. As fábulas de Esopo, um pioneiro fabulista e provavelmente um escravo, são histórias orais contadas de geração á geração, nas fábulas são usadas vários vícios e várias figuras de linguagem como rima, metalinguagem, ironia, hipérbole, alegoria, antítese, metáfora , ambiguidade, entre outros.

Há muitas histórias incluídas nas fábulas de Esopo, como *A raposa e as uvas*, *A Cigarra e a Formiga*, *A tartaruga e a lebre*, *O vento norte e o sol*, *O Lobo e o Cordeiro*. Todos esses contos de moralidade popular com lições de inteligência, justiça, sagacidade são bem conhecidos.

O processo de expansão romana foi avassalador e acabou abrangendo um numeroso conjunto de povos que resultou na conquista militar da Grécia, no entanto, não significou a superação da arte e da cultura grega. Os romanos gostavam de aprender, absorver, aperfeiçoar ou transformar as contribuições culturais, científicas e técnicas herdadas dos gregos.

Tendo como inspiração os textos fabulares de Esopo, Fedro, romano do século I, escreveu cinco livros de fábulas onde ele se preocupava com o conteúdo e a perfeição da forma, a fim de atingir o máximo de beleza e elegância do estilo literário. Após Fedro, no início da era cristã, há um longo período de silêncio da produção de fábulas. É no final da Idade Média que ocorre em toda Europa o a disseminação das fábulas escritas. Destaca-se Jean de La Fontaine, com uma visão própria do gênero fábula e será tido como referência para os escritores da modernidade, com um estilo lafontainiano.

La Fontaine nasceu em 8 de julho 1621, na cidade de Château- Thierry, situada na França. Era de família burguesa pequena que evoluiu socialmente devido à ocupação de altos cargos, como o de seu pai Charles La Fontaine, que ocupava duas posições respeitáveis: era capitão de caça e superintendente das águas e florestas. Recebeu uma refinada educação, seu pai o incentivou a estudar latim e italiano - línguas dominadas pelas pessoas cultas da época- e teve noções de grego. Só deixou a cidade onde havia nascido aos 20 anos, pois queria internar- se no Oratório de Reims, imaginando de forma equivocada ter vocação religiosa, ficou por dezoito meses. Após herdar a profissão de seu pai e cursar Direito em Paris – profissão que nunca exerceu– casou-se em 1647, aos 26 anos com Marie Héricart, uma jovem culta de 15 anos, com quem teve um filho de nome Charles. La Fontaine não gostava de compromissos e não convivia muito com sua família, os abandona em 1672 para se dedicar a literatura. Viveu no século de Luis XIV, quando ocorre um grande investimento na promoção das artes. Em Paris acaba por viver dos favores de mecenas e de mulheres da alta sociedade. Escreveu, traduziu e adaptou diversas poesias, cartas, contos e peças teatrais, mas só conseguiu sucesso na reescritura das fábulas.

As primeiras Fábulas escritas por La Fontaine eram quase todos adaptados de Esopo, do indiano Pilpay e de fabulários medievais. Sua originalidade foi na forma de expressão, a sutileza e versatilidade que usava nesse gênero literário. Um dos diferenciais é a questão da moral não ser colocada como recurso principal e sim os aspectos estéticos do texto. Abriu mão de um texto breve para enfeitá-lo, a modernizou

dando um toque de arte, assimilando as Fábulas a contos e peças de teatro, cultivou versos livres curtos ou longos

Em 1678 e 1679 ele lança duas coleções intituladas “Fables”, em 1694 lança seu último livro, ao todo foram doze livros destinados as fábulas. Em 13 de abril do ano seguinte, aos 74 anos, La Fontaine morre na casa de madame d’ Hervat. Conseguindo se immortalizar como uma dos maiores fabulistas de todos os tempos.

O autor Oswaldo Portella (1979, p.32), destaca que “a história da fábula conheceu três ápices, pontificados por três expoentes: Esopo, Fredo e La Fontaine”. Muitos estudiosos afirmam que entre eles La Fontaine seria o “grande” fabulista. Se refletirmos, trata-se de um erro, pois ao lado do talento, sabemos que a produção literária é fruto do seu espaço e do tempo. Mas o que não devemos negar é que La Fontaine foi o escritor de fábulas com mais projeção e que se destaca como precursor no surgimento da literatura destinada a crianças.

O “sentimento de infância” era inexistente, a criança era representada como um adulto pequeno. Portanto a concepção de infância é algo moderno: “remetida para o limbo das existências meramente potenciais durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial” (SARMENTO, 2004, p. 3)

Apesar de paradoxalmente sempre existirem as crianças, “meros seres biológicos” não existia a infância. A construção histórica da infância se deve a vários fatores, entre eles, a representação da criança, a estruturação de seu modo de vida, do seu cotidiano, a constituição de instituições sociais específicas para educar/ cuidar das crianças (SARMENTO, 2004). Portanto a institucionalização da infância, como um artefato social, cultural e não uma necessidade biológica (POSTMAN, 1999).

Ocorreram antes casos isolados de homens considerados sábios, como Platão, ou que cuidavam da educação de príncipes ou de nobres uma preocupação com a educação da infância, mas nada que tiver muito significado para a época.

A partir do século XVII, com os acontecimentos revolucionários, como a industrialização, a criança perde o anonimato e se transforma em um indivíduo e com essa importância. O governo incentiva a organização da família unicelular, que agora é dotada de responsabilidades afetivas e educativas, a fim de garantir a estabilidade do governo absolutista.

A “institucionalização da infância” teve como fator decisivo a constituição da escola, que cumpre o papel de reintegrar criança a sociedade, as formando conforme a ideologia da sociedade burguesa.

Há um novo olhar para a infância e com isso estudos, investigações e uma literatura infantil. Quando La Fontaine ao escrever uma de suas fábulas destinadas a um menino de sete anos e afirmar que esse tipo de texto era recomendável para todas as crianças ocorrem à expansão da literatura par crianças e as Fábulas de La Fontaine associadas a esse mundo infantil, com o objetivo de ensinar e distrair. O estilo lafontainiano de escritura de fábulas foi adquirido por toda a Europa, inclusive por escolas. Esse gênero teve destaque na brevidade e na moralidade, pois um adulto passava ensinamentos do que é certo e errado para uma criança supostamente passiva e frágil.

É importante frisar que as Fábulas eram trabalhadas nas escolas, mas não eram escritas especificamente para elas. Apresentavam um perfil moral e didático. Somente no começo do século XIX cria-se uma nova literatura infantil com elementos encantados e misteriosos.

As Fábulas não chamam a atenção apenas pela sua antiguidade, mas sim pela sua permanência. Não há barreiras de tempo, classes ou espaços ela pode ser adaptada e renovada sem perder sua essência primitiva. Além de poder ser apreciada por diferentes grupos de pessoas.

No Brasil, as fábulas surgiram somente no romantismo. Alguns autores se destacam na escritura de tal gênero como Anastácio Luís do Bonsucesso (1860), Coelho Neto (1907) e Maximiano Gonçalves (1928) , mas a permanência das Fábulas em nosso país se devem a Monteiro Lobato, quando em 1921 lança “ Fábulas de Narizinho”, e logo depois em 1922 é reorganizada e ampliada e passa a se chamar “Fábulas”.

Entre os brasileiros ainda vale ressaltar uma obra mais recente, de 1970, “Fábulas Fabulosas” de Millôr Fernandes. Seguindo o estilo esopo-fedriano de organizar seu texto ele transforma o conteúdo usando o humor e a sátira ao abordar temas da sociedade atual, como democracia, capitalismo, entre outros. Ainda na atualidade podemos destacar Rubens Alves e José Paulo Paes.

As fábulas não existiam em língua portuguesa, o que era feito era traduzi-las. Monteiro Lobato surpreende, pois além de traduzir, ele adaptou e criou de forma inteligente e educativa em um conjunto de sensibilidade, ingenuidade, humildade,

obediência que o bom caráter de uma criança deve ter. Lobato nos faz refletir em suas histórias que envolvem os personagens do Sítio do Pica- Pau Amarelo. A seguir veremos um pouco da história desse escritor e seus aspectos inovadores da literatura para crianças, em especial, da importância da fábula em suas produções e no modo como adaptou o gênero à recepção dos pequenos leitores.

2. A importância do processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Na fundamentação teórica que subsidia o entendimento às questões apresentadas durante as pesquisas realizadas recorreu-se especialmente aos estudos de Paulo Freire e Eni Pulcineli Orlandi.

No pensamento de Freire (1994), destacamos:

Ler não é puro entretenimento, nem tão pouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto. Ler um livro é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é passear licenciosamente, sobre as palavras. É aprender como se dão as relações entre as palavras, na composição do discurso. É a tarefa do sujeito crítico, humilde e determinado. (p.260)

A formação deste sujeito crítico demanda leitura contextualizada e possibilidades de dialogar sobre os textos lidos, de modo a possibilitar na prática a compreensão das palavras nos vários sentidos. Ainda segundo o autor aprender a ler, a escrever, a alfabetizar- se é antes de tudo, ler o mundo, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade, pois para Freire (1994):

Ler um texto é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade, a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da leitura do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar a criar a compreensão do lido, daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto, da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar- se numa experiência criativa em torno da compreensão. (p.261)

Em outro momento, segundo Orlandi (1993), o sujeito que produz uma leitura a partir da sua posição a interpreta de acordo com seu viver histórico. O sujeito- leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura compreende porque seus sentidos não nascem do nada. São criados, são construídos em confrontos de relações de poder com seus jogos imaginários. Tudo isso, tendo como pano de fundo e ponto de chegada, quase que

inevitavelmente, as instituições, pois os sentidos das leituras, em suma, são produzidos.

Segundo a mesma autora:

Haverá, no entanto, um limite sempre difícil de ser estabelecido, na leitura, que é o que separa o dito da espécie do não dito que é constituído da significação do texto. Desse modo, há uma decisão feita pelo leitor em relação àquilo que não está dito no texto e que o constitui. (ORLANDI, 1983, p.7)

Quando lemos estamos produzindo sentidos, produzindo- os e transformando-os. Então, dentro dessa colocação, podemos levar em conta que o ato do leitor não é solitário porque ele está interferindo, ou melhor, agindo junto ao escritor- autor. Fazemos parte do conjunto dos chamados sujeitos- leitores. Será o dito e o compreendido. Portanto, o cerne na produção de sentidos está no modo relação leitura entre o dito e o compreendido.

Dessa maneira, a autora trabalha com elementos do texto que levem o leitor a interagir com o que está lendo. É, portanto, um novo olhar que deverá ser construído pelo leitor a respeito do discurso, texto, colocado em suas mãos. Os mecanismos apontados pelo autor são ferramentas novas também dadas nas mãos do professor para que ele forme um novo leitor, ou seja, um sujeito de leitura porque ao saber como o texto pode ser trabalhado e quais são os instrumentos que estão ao seu dispor, com certeza novos horizontes serão apontados com possibilidades diferentes onde ocorrerá a criatividade e a criticidade.

Dentro dessa perspectiva, Orlandi (1983) afirma que:

O leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em sua experiência de interação com o universo natural, cultural e social em que vive. A leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida. Deve-se considerar a relação entre o leitor e o conhecimento, assim como a reflexão sobre o mundo. O conhecimento tem caminhos insuspeitos. Ninguém tem a fórmula da descoberta, de como se chega ao conhecimento e à crítica. (p. 12)

Conforme o grau de maturidade do leitor, ele aos poucos tenderá para a realidade de seu mundo, isto é, sairá de uma concepção ingênua de mundo e envolverão para o contexto de vida, realizado confrontos e levantando questões sobre o cotidiano. É

então um leitor que ultrapassou a leitura mecânica como também afirma Freire (1989). Mais do que fornecer estratégias, é necessário permitir que conheça como um texto funciona, enquanto unidade pragmática. A leitura deixará de ser uma expressão mecânica para também vir a ser uma participação inteligente e autônoma de forma questionadora, tanto da visão que o autor apresenta, quando a do leitor que com ela interage.

O texto por ser um instrumento de comunicação, não é lugar só de informações completas ou a serem preenchidas, mas é o processo de significação, ou seja, lugar de sentido. Porque o texto tem que ser visto como produção. A leitura é, portanto, produção do leitor. Dentro da prática pedagógica é preciso ter presentes que nossos alunos não são depósitos de ideologias pré- formadas, portanto, existe a necessidade de saber que tipo de leitor que pretende- se formar.

Leitura é um processo de interação porque há sempre ação por parte do leitor, que tem suas aspirações, sua própria história, podemos assim dialogar com o autor do texto. Nesta perspectiva surge uma nova pedagogia de leitura que favorecerá a um olhar do leitor. Com isso, oportuniza- se uma originalidade e uma criatividade sempre presentes no “ato de ler”, levando-o muito além de uma leitura que privilegia a paráfrase, que como sabemos é uma forma de interpretação do texto: sistemática, fechada e reprodutora. Para um mundo em constante transformação, esta modalidade de leitura não contribui para a formação de um leitor com uma nova visão a respeito do mundo em que vive. A escola nem sempre tem contribuído para que se construa através do aprendizado da leitura esse “novo olhar”.

Como conseguir que os alunos aprendam a utilizar a leitura na sua vida prática, de maneira autônoma e criativa? O que deve ser a leitura para eles se normalmente o seu ensino tem se mostrado inadequado?

Quando nos referimos a essa questionamentos, avulta também o papel do professor que tem que transformar a leitura em algo prazeroso para os alunos, levando-os a gostar tanto dos livros como do ato de ler. Uma das opções para buscar esse interesse dos pequenos leitores é utilizar o gênero textual fábulas.

Desse modo, tomando como base as concepções dos autores já citados anteriormente, podemos afirmar que a leitura não é uma mera aceitação dos textos, mas uma construção ativa, interação entre o leitor e autor e sua relação com o mundo.

Acreditamos que o livro tem que fazer parte da vida das crianças desde cedo, mesmo antes dela ter habilidades de leitura, pois como disse Paulo Freire (1989, p. 9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra. E a leitura desta implica sempre a continuidade da primeira”.

O mundo dos livros não é outro que o mundo da comunicação e da linguagem em seu sentido mais amplo. A leitura infantil é uma realidade interdisciplinar que, em muitas de suas manifestações, está relacionada com outros modos de expressão próprias da criança como o movimento, a imagem, a música, que compõem uma bagagem comunicativa da criança em seus primeiros anos de vida. O prazer de ler é antecedido pelo prazer da escrita e da observação e evolui para uma atitude de curiosidade leitora diante da vida.

Ampliando o debate sobre como a criança pode utilizar-se da leitura na sua bagagem comunicativa, Piaget (1975) contribui com estudos sobre as fases do desenvolvimento da criança. Nesse sentido, o período pré-operacional que vai dos dois até os sete anos, se caracteriza pelo pensamento da criança ligado aos significados imediatos. Não executa operações mentais, a não ser as que respondem aos conhecimentos novos em função de suas qualidades perceptivas.

Entretanto, as crianças são fundamentalmente egocêntricas entre os dois e os quatro anos, pensam de acordo com suas percepções imediatas, diante de sua própria concepção do mundo, sempre centradas em si mesmo, portanto vêm a se interessar por contos de fábulas com personagens e objetos que têm vida. Dos quatro aos sete anos, já possuem maior capacidade de representação, ou seja, a percepção dos objetos e pessoas começa a ser mais completa. Nesse momento Piaget chama de lapso intuitivo, está em transição um desenvolvimento cognitivo mais elevado, ocorrendo operações mentais mais concretas. Produz-se nesse período um grande avanço na capacidade de leitura: desde os livros de imagens até a interpretação dos primeiros textos escritos.

Portanto, acreditamos ser o momento de trabalhar com a criança a leitura e a imagem: descobrir as figuras dominantes, perceber as cores, localizar espacialmente os objetos e, mais tarde, descobrir as conexões entre os desenhos e as associações das ilustrações e o texto literário. Salientamos aqui a importância de oferecer desde o princípio, não só uma leitura compreensiva, mas também crítica.

Os temas devem estar relacionados com o cotidiano das crianças, ou seja, o que elas vivenciam: a família, a casa, seus brinquedos, animais de estimação, festas, escolas.

Sem nos esquecer que a linguagem natural da criança é uma linguagem total, tanto por seus modos de expressão como por implicar toda a sua personalidade: o afetivo e o cognitivo estão plenamente unidos.

As fábulas são importantes instrumentos para buscar o interesse da leitura. Sua narrativa tem o poder de alimentar e estimular a imaginação, inspirar mediante a identificação com os personagens. Ela propicia a oportunidade de ultrapassar as fronteiras do mundo pessoal e descobrir a unidade da diversidade humana.

3. A relação de Monteiro Lobato com as fábulas e suas críticas

Muitas crianças não gostam de ler, não se interessam, acham que o livro é relacionado com algo do passado e acabam se voltando para os meios audiovisuais. Por esse motivo faz-se necessário o aprofundamento dos conhecimentos sobre a literatura infantil e a pedagogia da leitura.

No decorrer do curso de Pedagogia, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), nasceu em mim um fascínio pela obra infantil de Monteiro Lobato, mais especificamente por um livro, intitulado “Fábulas” (1922). Vejo no autor e em sua obra algo que possa despertar um interesse maior sobre a leitura. Para que possamos entender a relação de Lobato com as Fábulas será preciso conhecer mais sobre a bibliografia do mesmo e como se construiu seu interesse por esse gênero textual.

3.1. A Literatura de Lobato

Há um grande esforço de escritores e educadores para produzir uma literatura infantil brasileira, mas para muitos estudiosos ela só surgiu em 1921, quando Monteiro Lobato escreveu seu primeiro livro para crianças, “A Menina do Narizinho Arrebitado”.

A linguagem das obras infantis pré-lobatianas possui um vocabulário culto, discurso retórico sem elementos lúdicos, predominância interventiva do narrador, e de textos compactos e sem recursos verbo- icônicos.

Esse tipo de literatura infantil gerava um incômodo em Monteiro Lobato, pois ele acreditava que assim a criança não teria estímulo à leitura, devido à falta de adequação de todo contexto.

Esse panorama literário e didático é relatado por Lobato (1950):

O menino aprende a ler na escola e lê, em aula. À força, os horrorosos livros de leituras didáticas... Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considera a leitura como um instrumento de suplício... Além disso, sai o menino da escola com esta noção curiosíssima, embora lógica: a leitura é um mal; o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existência. (p. 84)

A criança é tratada como “adulto em miniatura”, carecendo de uma temática e de uma linguagem adequadas a ela. Segundo o escritor e pesquisador brasileiro Edgar Cavalheiro (1955), “A literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão-somente o conto folclórico.” (p.183).

José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté – São Paulo, em 18 de abril de 1882. Desde muito cedo foi introduzido no mundo dos livros, antes mesmo de ser alfabetizado. Cursou Direito em São Paulo, capital. Mas o que verdadeiramente o atraía era literatura.

Lobato tinha tanto gosto pela leitura que veio a fazer dela uma verdadeira obsessão, como podemos constatar em uma de suas últimas confidências ao seu amigo Rangel:

A civilização me fez “um animal que lê”, como o porco é um animal que come. Dois meses já sem leitura me vêm deixando estranhamente faminto: Imagine Rabicó sem cascas de abóbora por trinta dias! (LOBATO, 1948, p. 361).

Assim, estimulado por várias leituras Monteiro Lobato se torna escritor. Suas obras iniciais tiveram bastante sucesso. O espírito do escritor: nacionalista novo, denunciador, com um estilo irônico, mas claro e incisivo, penetrou no povo, o que fez dele um dos mais lidos da década de 20. Não se limitava em escrever com um estilo novo. Aproveitava sua obra para denunciar o nível cultural brasileiro.

Por volta de 1916, Monteiro Lobato, com 38 anos de idade, casado e com filhos, mostrou preocupações com a situação dos livros para crianças brasileiras em uma carta para Godofredo Rangel:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade

por talento, ando com a idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos nossos filhos. (LOBATO, 1972, p.245-46)

Assim, Monteiro Lobato publica seu primeiro livro infantil de fábulas em 1920, “A Menina do Nariz Arrebitado”, que deu origem a Lúcia, mais conhecida como a Narizinho do Sítio do Pica-pau Amarelo, classificado como “Livro de Figuras”.

É importante abrirmos uma brecha para falar sobre a classificação “Livro de Figuras”, que estava diretamente ligado às diretrizes da Escola Nova, o qual preconizava as imagens nos livros infantis.

Em 1921, o sucesso foi tanto que a obra foi lançada em um novo formato, com ilustrações de Voltolino e com um novo título: “Narizinho Arrebitado”. Grande parte dos livros foi adquirida pelo governo paulista, para a distribuição em escolas públicas.

Os livros de Monteiro Lobato começaram a serem traduzidos para outros países em 1926. Em mais uma carta para o amigo Rangel ele declara que decidiu se dedicar à escrita dos livros infantis: “Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já enjoei. Bicho sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo.” (LOBATO, 1926, p.293)

Lobato foi um dos maiores incentivadores da leitura. Ele criou uma história, uma personagem, criou todo um “universo” por onde seus personagens andassem; estruturou um mundo paralelo ao nosso, inserindo no que era real (dialogando com o que acontecia no mundo) ou partindo para mundos fantásticos. Ele criou uma verdadeira saga infantil e se encontra em uma condição única na literatura infantil brasileira e mundial, pois acreditava que um bom leitor adulto é aquele que desde cedo teve a oportunidade de realizar o hábito da leitura.

Convencido em criar um programa difusor do ato de ler, Lobato passa a levar os livros até as pessoas.

O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde está, como o caçador. Perseguiamos a caça. Fazemos o livro cair do nariz de todos os possíveis leitores desta terra. Não nos limitando às capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biboca existe. (CAVALHEIRO, 1955, p. 239)

Ele verificou que existiam poucos postos de vendas de livros no Brasil, cerca de 30 e em sua maioria no Rio de Janeiro e em São Paulo. Negociou com os comerciantes

de várias regiões através de cartas oferecendo uma mercadoria chamada “livro”. A resposta foi em sua maioria positiva.

Assim, o número de trinta vendedores de livros, que eram livrarias, passou para cerca de mil postos de vendas, que poderiam ser papelarias, bancas de jornal, bazares, farmácias, lojas de ferramentas, entre outras. Os números de exemplares de livros de quinhentos passou para três mil. Devido a esse esforço de Monteiro Lobato ocorreu uma grande expansão do ato de ler e o grande aprendizado da língua portuguesa.

Entusiasmado com o sucesso dos primeiros resultados, Lobato escreve:

Dizem que o Brasil não lê! Uma ova! A questão é saber levar a edição até o nariz do leitor, aqui, ou em Mato Grosso, no Rio Grande do Sul, no Acre, na Paraíba, onde quer que ele esteja, sequioso por leituras... Livro cheirando á livro comprado, e quem compra lê. Se o Brasil não lia é porque os velhos editores, na sua maior parte da santa terrinha limitavam-se a inumar os volumes nas poeirentas prateleiras das suas próprias livrarias, e quem quiser que tome o trem, ou o navio, e vá ao Rio comprá-los. Umas bestas! O Brasil está é louco, por leituras... ’ (CAVALHEIRO, 1955, p.242)

Lobato mostrou que o livro poderia ser lido por qualquer pessoa. E acreditava que para que isso pudesse acontecer ele deveria ser barato e acessível. Além de levar os livros para as pessoas ele incentivou e editou vários escritores em todas as partes do Brasil. O editor e tipógrafo Nelson Palma Travassos escreve em seu livro:

Lobato veio revolucionando todo este comércio de inteligência, mostrando, para o espanto geral, que o livro devia ser escrito e lido por toda a gente, vendido em toda a parte e devia circular tanto como qualquer jornal... D. João VI criou a Imprensa Nacional, Monteiro Lobato criou o livro no Brasil. (1978, p.177)

Prosseguindo com nossa análise da obra infantil, “Fábulas” de Monteiro Lobato, não poderíamos de deixar de mencionar o nacionalismo empregado em suas obras infantis. Ele incorporar em suas obras as culturas indígenas, africanas e europeias, mostrando a realidade brasileira com humor e de forma sátira, contra o aumento da influência francesa no Brasil.

Anteriormente, na escrita de uma carta ao amigo Godofredo Rangel (1972), notamos a grande preocupação que Lobato tinha em ter uma produção literária nossa.

Foi quando resolveu escrever para os pequenos leitores. Começou com as fábulas em “Narizinho Arrebitado” (1921).

No ano seguinte o livro é editado, pois Lobato pretende modificar o que considera como tortura das crianças na escola e, em 1922 surge “Fábulas”. Nesse livro Monteiro Lobato reescreve fábulas de Esopo e La Fontaine, mas de modo comentado. A dinâmica do livro é essa: os diálogos feitos pela turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. D. Benta conta as histórias e os ouvintes, Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde, entre outros, participam comentando o que acharam da história. Em uma delas Emília, com a maior independência, chega a “linchar” uma delas, cuja lição de moral pareceu-lhe muito cruel.

Nessas fábulas as crianças aprendem muito com os ensinamentos inseridos por Lobato através de D. Benta. Como os comentários feitos sobre as ‘injustiças da justiça’:

Esta fábula (“Os animais e a peste”) retrata as injustiças da justiça humana. A tal justiça humana é implacável contra os fracos e pequenos, mas não é capaz de pôr as mãos num grande; num poderoso. ’ (1922, p. 93)

Em várias obras Monteiro Lobato retrata a ideia de que os fracos só têm a esperteza para defender-se da injustiça, da crueldade e da má fé dos poderosos.

Lobato procurou sempre transpor, ao nível das crianças, a sabedoria profunda que as fábulas encerram de modo que elas assimilassem inicialmente a parte da fantasia, o conteúdo recreativo, e mais tarde, pela reflexão, chegariam à compreensão de sua grandeza de significado moral. Nas fábulas as personagens (os animais, a natureza, etc.) falam com graça, encarnam tão bem as características humanas, que transmitem seu conteúdo filosófico e moralista de modo bastante disfarçado e atraente. O humor tende a substituir a antiga seriedade com que eram feitas as críticas aos homens. Tudo em uma linguagem simples, clara e didática adequada à compreensão dos pequenos leitores.

Nas obras infantis de Monteiro Lobato, é passada uma mensagem para o progresso de nosso país. De forma nítida e frequente o que poderia ser o Brasil, como autonomia econômica, com estradas, hospitais, escolas melhores. A obra infantil lobatiana trouxe para as crianças problemas que eram reservados para adultos.

A escritora Laura Sandroni afirma que as crianças que lêem Lobato ficam vacinadas contra o espírito de assimilação, de adulação e de hipocrisia tão comuns no

nosso tempo. Completa afirmando que “Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão...” (1987, p.60)

O livro “Fábulas” (1922) da editora Brasiliense é editado novamente pela Editora Globo, em 200. Recebe ilustrações de Alcy Linares. Ocorre o confronto com a fábula tradicional, proposto por La Fontaine, por exemplo, e a fábula reformulada de Lobato. O leitor infantil pode não só reconhecer as atitudes das personagens como aprender, de modo produtivo e crítico e, sobretudo, prazeroso, os mundos esboçados pela genialidade de Monteiro Lobato.

4. A relação do professor no desenvolvimento da leitura através das Fábulas

A literatura infantil muito contribui no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual.

Apesar da grande importância que a literatura exerce na vida da criança, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas ideias, em geral, de acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não. Sônia Kramer explica em seu artigo:

Em outro momento, perguntei: A escola produz não-leitores? A leitura **na** escola se fecha em leitura **da** escola, onde notas, "provas de livros", fichas e apostilas com resumos das histórias ocupam o tempo e o espaço que poderiam ser destinados a simplesmente ler e desfrutar o livro? A aversão pelos textos literários, pela literatura, é ensinada na escola?

Tenho ouvido também depoimentos de muitos colegas que, quando jovens, jogaram fora, queimaram ou rasgaram textos que escreveram. Terá sido vergonha, timidez, medo de mostrar para o outro e ser criticado? Ou terá sido a própria escola que ensinou a temer a folha em branco e a tremer diante dela? Afinal, na escola, o que a gente escreve é para ser lido ou para ser corrigido? Será que temos tido a possibilidade de ler e de escrever e de aprender com essas práticas? Será que temos entendido que a escrita desempenha um papel central na constituição do sujeito? [...] Quantos de nós, professores, temos tido a oportunidade de ler a palavra do outro e de escrever para nos acompanhar? É possível tornarmos nossos alunos pessoas que lêem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores e temos medo de escrever? (2000, p. 1)

O que se percebe é que a literatura, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como deve nas escolas e isto ocorre, em grande parte, pela pouca informação dos professores. A formação acadêmica, infelizmente não dá ênfase à leitura e esta é uma situação contraditória, pois segundo comentário de Machado (2001, p.45) “não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar”.

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios.

Segundo os PCNs é muito importante a leitura autônoma que envolve a oportunidade de o aluno poder ler silenciosamente, vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor.

Os PCNs deixam claro que a leitura nos fornece a matéria-prima para escrita; seguindo esse pressuposto, nesse projeto demos um enfoque maior para a leitura, afinal de contas, a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. A educação é um processo para as buscas e necessidades constantes de conhecimento. Para que essas buscas prossigam é preciso que haja condições concretas na produção de diferentes tipos de leituras, mais especificamente do ensino- aprendizagem na escola.

Muitas vezes as escolas só trabalham com textos didáticos e literários, de maneira burocrática e sem sentido para os alunos. Trabalhamos assim, com o gênero específico fábulas, as quais os alunos fixaram a leitura e, partindo de algumas atividades, foram incitados a refletir sobre o texto lido, fazendo inferências e retomadas.

4.1 Ouvir e contar histórias

Crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias em sua forma de agir, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde bem pequena.

Segundo a “Cartilha Primeira Infância, Primeiras Leituras”, desenvolvida pelo Instituto Alfa Beto (2012):

Ler em voz alta é uma das coisas mais importantes que os pais podem fazer para preparar a criança para ter sucesso na escola. Quanto mais palavras os pais usam quando falam com bebês de 8 meses, maior será seu vocabulário aos 4 anos de idade. Os livros contêm muitas palavras que não ocorrem na linguagem que falamos no dia a dia.

A leitura e o contato com os livros são de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças. O importante é entender que não é preciso apenas

começar quando a criança for alfabetizada. Entretanto, com a correria do dia a dia, a prática de contar histórias está perdendo cada vez mais espaço. E isso é uma pena porque é ouvindo histórias que a criança adquire o gosto pela leitura, amplia o seu vocabulário e desenvolve a linguagem e o pensamento. Além disso, as histórias também estimulam a atenção e a memória, despertando a sensibilidade e o imaginário e contribuindo para a formação do caráter. Nessa primeira infância é preciso ler muito para a criança para que futuramente ela leia sozinha.

Em “Literatura Infantil: gostosuras e bobices”, Fanny Abramovich declara:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais ou curtinhos, poemas sonoros e outros mais.. contados durante o dia , numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite , antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada. (1991, p. 14)

À medida que a criança cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase que as histórias vão se tornando aos poucos mais extensas, mais detalhadas. Ela passa a se comunicar com as histórias, acrescenta fatos, personagens ou lembra-se de detalhes que passaram despercebidos pela pessoa que está contando. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreender melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança.

A exposição à leitura das histórias no seio familiar durante os anos pré-escolares, leva muitas crianças ao sucesso escolar. As crianças que vivem num ambiente letrado desenvolvem um interesse lúdico com respeito às atividades de leitura e escrita, praticadas pelos adultos que a rodeiam. Esse interesse varia de acordo com a qualidade, frequência e valor destas atividades realizadas pelos adultos que convivem com as crianças. Se uma mãe ler para seu filho textos interessantes e com boa qualidade, nota-se que estará transmitindo a ele informações variadas sobre a língua escrita e sobre o

mundo. Isso é de suma importância para a criança, pois irá levá-la a interessar-se cada vez mais pela leitura das histórias ouvidas.

Com o passar do tempo, as crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, ficção. Tem nesta perspectiva, a possibilidade de envolver o real e o imaginário que de acordo com Sandroni e Machado (1998, p.15) afirmam que “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

Quando a criança começa a ler, perde-se a importância de ler para a mesma, já consegue realizar sozinha. Abramovich (1991, p.23) nos mostra como é precioso continuar lendo para os pequenos: “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo hoje tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, tem risco de ser uma pessoa pouco criativa, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação; segundo Vigotsky (1992, p.128), a imaginação tende a se afastar da realidade, mas devem caminhar juntas: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.”. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: “afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece”. (VIGOTSKY, 1992, p.129).

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitos pais acreditam que a criança que não sabe ler, não se interessa por livros, portanto não precisa ter contato com eles. O que se percebe é bem ao contrário. Segundo Sandroni e Machado (1998, p.12) “a criança percebe desde muito cedo que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. As crianças bem pequenas interessam-se pelas

cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as.

Através de uma incrível história as crianças são capazes de desempenhar capacidades ótimas, buscando cada vez mais seu conhecimento, estimulando sua curiosidade, assim desejando ouvir seus pais, avós e professores, deseja também ler livros, escrever, e até mesmo contar sua própria história, de forma que sua motivação para ir à escola e fazer suas tarefas se torna mais aflorada e eficaz a cada dia.

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. De acordo com Sandroni e Machado (1998, p.16) “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

4.2 A vivência do Projeto

Segundo os autores Vygotsky (1987) e Ferreiro (1992) a aquisição da leitura é um processo altamente complexo, que não se restringe ao período comumente denominado alfabetização (primeiro ano do Ensino Fundamental I). Inicia-se muito antes disso, desde mesmo quando a criança nasce, isto é, quando ela começa a estabelecer o contato e a integração com o mundo físico e social. Para as crianças que vivem em uma sociedade letrada, o contato com a escrita permeia suas relações com o mundo. É claro que o acesso à leitura e a escrita permeia suas relações com o mundo. É claro que o acesso à leitura e escrita é diferenciado de acordo com a classe social à qual pertence a criança. Entretanto, o contato com materiais escritos variados, mesmo que diferenciado, se faz presente de alguma forma na vida das crianças, lhes possibilitando construir noções a respeito da linguagem escrita antes mesmo de serem submetidas ao ensino formal da mesma.

Tendo ao longo de minha vida acadêmica feito muitas indagações acerca da leitura, procuramos neste momento transcrever algumas delas no sentido de confrontá-las com nossa prática pedagógica que estarão desse modo, assinaladas neste capítulo. Eis algumas delas: Ler é importante? Por quê? Como trabalhar com a leitura para que a

mesma seduza os alunos? Como fazer do gênero textual Fábulas um recurso para o desenvolvimento da leitura?

Para fundamentar esse estudo, realizou-se uma pesquisa selecionando-se três turmas, uma da Educação Infantil, o Jardim III e as outras no Ensino Fundamental I, a alfabetização (Primeiro Ano) e o Segundo Ano de uma escola particular em Niterói.

Os objetivos estabelecidos buscavam a vivência da leitura desses alunos no cotidiano escolar através da valorização da prática da leitura de textos de Monteiro Lobato e livros de Fábulas. Damos ênfase a esse tipo de gênero por conter narrativas curtas, por possuírem ilustrações, o que atraem a atenção do aluno. A partir da proposta da leitura, este trabalho faz com que os alunos exponham suas próprias compreensões, a fim de aumentar sua criatividade, além de desenvolver as capacidades de leitura.

Para que esses objetivos fossem alcançados primeiramente foi feita uma interação entre as professoras. As coordenadoras como já conheciam meu projeto de monografia desenvolvido ao longo da faculdade colocaram como base para desenvolvermos o processo de ensino e aprendizagem da leitura, onde o foco seria Monteiro Lobato e suas fábulas.

Após a atividade definida, passamos para as escolhas das fábulas, pois é fundamental uma boa escolha, já que é por meio dessas que os alunos iriam ler, analisar e conseqüentemente dar seu olhar crítico perante a leitura. Uma boa leitura requer muita atenção e para que os alunos fiquem atentos às narrativas é importante que seja um conteúdo de seu interesse.

Vale lembrar que todas as atividades eram convidativas, nunca impostas e que cada turma trabalharia o projeto de sua forma.

O Jardim III destacou o dia Internacional do Livro Infantil e criou a Semana do Monteiro Lobato. Após conhecer a história do autor, os personagens que criou, cantamos as músicas do Sítio do Pica- Pau Amarelo e escutamos as fábulas do autor. Desenvolvemos uma fábula coletiva, fantoches dos personagens do Sítio do Pica- Pau Amarelo, trabalhos artísticos, como corte e colagem, pontilhismo. O final do nosso projeto foi marcado com um teatro de fantoches, com cenário construído pela turma e um lanche coletivo, quando saboreamos os famosos Bolinhos de Chuva, da tia Anastácia.

O Primeiro Ano resolveu focar nos personagens que contam as histórias do Autor, a Turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo e seguir com o projeto durante todo o

ano de 2013. Ocorreram trabalhos artísticos, caracterização dos alunos, peças teatrais e a leitura e elaboração de fábulas individuais (com a escrita espontânea dos alunos). O projeto foi encerrado na festa de formatura. Todas as crianças dançaram e cantaram vestidas de Visconde de Sabugosa e Emília.

Já o Segundo Ano abordou o gênero textual fábula, as próprias histórias de Lobato. Leram várias histórias, fizeram trabalhos de interpretação e artísticos, individualmente criaram uma fábula. O projeto foi encerrado em agosto de 2013, na Feira Cultural da escola, com uma mostra dos trabalhos desenvolvidos e com a apresentação de uma peça adaptada da história “A lebre e a tartaruga”. Cada criança estava caracterizada de um animal diferente, cantavam uma música e torciam para as personagens.

Os projetos ocorreram em várias fases, a adaptação, a elaboração de atividades, brincadeiras e histórias e a finalização. Pretendíamos ter a certeza de que os alunos compreenderam o gênero proposto a eles e de tal maneira que não se sentissem pressionados ao lerem, que pudessem ler por conta própria (os que já sabiam), que também pudessem sentir prazer com a leitura. . Essa atividade além de incentivar o interesse pela leitura também desenvolve a produção textual dos discentes.

Com a fábula podemos desenvolver um amplo campo de aprendizagem, como a desenvoltura da oralidade, interpretação, da produção textual, da ilustração, discussões, reflexões e a intertextualidade.

É prazeroso trabalhar com fábulas, interpretá-las, conhecer tudo o que se esconde na fantasia de cada texto, se envolver no que se encontra por trás de cada de leitura, questionar os valores, analisar as mensagens trazendo para as nossas vidas.

Observar o interesse das crianças na leitura foi algo muito gratificante, e que muito me surpreendeu foi a boa vontade na realização das atividades propostas. Portanto seduzir os alunos para apreciar o texto, os livros, sobretudo a leitura foi a finalidade de todas as atividades realizadas e estimuladas no cotidiano da sala de aula.

Observou-se que despertar o gosto pela leitura nos primeiros anos escolares é semear sem ter pressa de ver os resultados, pois eles surgirão de maneira lenta e gradual, exigindo do professor uma avaliação constante. É preciso que haja muita sensibilidade e atenção por parte da professora para trabalhar o ‘Ato de ler’, principalmente em turmas numerosas.

O trabalho com a leitura das histórias não requer uma parafernália de instrumentos. É preciso, primeiramente, que o professor disponha de boa vontade, de tempo e que também acredite estar semeando para o futuro.

Assim, a leitura tem uma força considerável no mundo individual e social, abre um leque de possibilidades para a vida, à medida que se oportuniza ao aluno vivenciá-la sem medo e sem bloqueios. Esta perspectiva é o mesmo que navegar sem mapas, mesmo correndo o risco. É acreditar que a leitura é mesmo um processo. É possibilitar ao sujeito viajar na imaginação.

Conclusão

O objetivo principal deste trabalho foi o estudo do desenvolvimento do ensino e aprendizagem da leitura através das fábulas de Monteiro Lobato. Entretanto, quando nos dedicamos a refletir sobre o assunto, vimos que seria enriquecedora a realização de uma abordagem específica a respeito do gênero e também de sua presença na literatura infantil. Sabendo que Esopo e La Fontaine foram os pioneiros desta aproximação entre fábula e aquela literatura, e ainda que fossem eles uns dos inspiradores de Lobato, abordamos também algumas características gerais de suas fábulas e o seu contexto de produção literária.

A dinamicidade da fábula advém de seu aspecto discursivo, que, como vimos, foi determinante na sua origem. Dando destaque ao livro “Fábulas” quando Monteiro Lobato estende para Dona Benta e Emília, a possibilidade de criação e recriação de fábulas, aponta para a continuidade criativa do gênero. E lembremos que Emília chega a criar fábulas justamente no espaço do “ouvinte”, em meio a outros comentários, reforçando a discursividade da fábula. Conhecendo fábulas, é possível inventá-las ou reinventá-las. Como sugere Lobato por meio da participação ativa de suas personagens, até a criança pode aprender a criar fábulas e utilizá-las a seu modo, como aplicação ou recurso discursivo, nas mais diversas situações cotidianas.

Através disso realizamos o projeto. E ao término deste trabalho ficou a certeza de que foi de grande importância o aprendizado para as crianças das turmas de Jardim III, da Educação Infantil e Primeiro e Segundo ano do Ensino Fundamental I, mas com certeza o maior aprendizado foi o nosso, pois em muitos momentos pudemos repensar a nossa prática e modificar nossa atuação como educadores.

Nesse estudo, vivenciamos em parceria com colegas de trabalho e nossos alunos à leitura de Fábulas de Monteiro Lobato no desenvolvimento do ensino e na aprendizagem da leitura. As tecnologias do mundo moderno fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, o que resultou em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, possuindo vocabulários cada vez mais pobres.

Dai a importância de trabalharmos com a leitura, principalmente nas séries iniciais de escolaridade da criança, unindo a leitura de fábulas e outros textos com a leitura de mundo, ou seja, a história de vida de cada aluno com o conhecimento já acumulado na sociedade moderna.

O maior envolvimento dos alunos foi geral, porém em turmas heterogêneas, o ritmo de aprendizagem de cada aluno foi diferenciado. Alguns avançaram mais rapidamente em relação à prática da leitura e escrita, enquanto outros caminham de forma mais lenta, como já esperávamos. No entanto asseguramos que o trabalho desenvolvido deixou sementes, que pudemos de certo modo verificar.

Não é pretensão nenhuma dizer que estes alunos tornaram-se diferentes, porque foram iniciados no mundo da leitura de forma não tradicional, ou seja, que fugindo às propostas comumente trazidas pelos livros didáticos. Passaram a ler com mais compreensão e interesse, como também fizeram descobertas no processo da leitura em aberto nos diferentes tipos de textos, podendo inclusive, contribuir como sujeitos e coautores.

Constatamos desta forma, que uma prática pedagógica que privilegie um ensino de leitura que vai ao encontro do universo infantil, produz leitores e uma verdadeira leitura. E para tal as fábulas podem ser um excelente recurso pedagógico.

Referências:

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras bobices*. 2. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

AGUIAR, Vera Teixeira de (org.) *Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001

AZEVEDO, C. L. de, CAMARGOS, M., SACCHETTA, V., *Monteiro Lobato furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 1997.

BÁRBARA, Glady Maria Ferraz. *Hora do conto: Da fantasia ao prazer de ler*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas: tradução de Arlene Caetano*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental I. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL, Padre Sales, *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. São Paulo: Editora Livraria Progresso, 1957.

BREVES, José Filho. *Uma leitura da literatura infantil na escola*. Fortaleza: Editora Breves Palavras, 2004.

CASTRO, Marluce de. Meu aluno copia, mas não sabe ler. S. O. S. Sala de aula. Nova Escola. P.14. abril, 2003.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato - Vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infanto- Juvenil*. 3.^a ed., São Paulo: Edições Quíron, 1985.

FERREIRO, Emília. *A alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez. 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Editora Cortês, 1992.

_____, Paulo. *Pedagogia da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

KRAMER, Sonia. *Leitura e Escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais*. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.6, n.31, p.18-27, JAN./FEV., 2000

- LA FONTAINE, Jean de. *Fábula*. Rio de Janeiro: Editora Brasil- América, 2000.
- LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato livro a livro*. São Paulo: Edunesp, 2009.
- LOBATO, J. B. Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- LOBATO, J. B. Monteiro, *Os livros Fundamentais*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leitura e escrita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SANDRONI, Laura C., De Lobato a Bojunga- Reinações Renovadas. São Paulo: Agir Editora, 1987.
- SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Rave. *A criança e os Livros: guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo: Ática, 1987.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. De D. João VI a Monteiro Lobato. São Paulo: Huertec, 1978.